

RUA SERINGUEIRO

Decreto nº 5070 de 26-01-1977, Artigo 1º, Inciso 75
Protocolado nº 31.305 de 06-12-1976, em nome de Ad-
ministrações Regionais

Formada pela rua 14 do Jardim Itatiaia

Início na rua Caiçara

Término na rua Jangadeiro

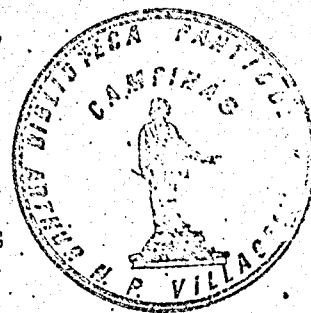
Jardim Itatiaia

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Dr.
Lauro Péricles Gonçalves.

SERINGUEIRO

Personagem típica da região amazônica é o seringueiro. Ser seringalista tem representação análoga do fazendeiro de gado ou de café, de outras regiões do país. A vida do seringueiro é dura, restringindo-se, praticamente, à extração do latex e a criação miúda. No seringal, geralmente habitam dois seringueiros ou uma família. No interior do seringal se acham distribuídas as heveas, em meio de outras árvores, reconhecida facilmente pelo "mateiro", na arriscada profissão de abridor de picadas na floresta, "estradas", que o seringueiro percorre duas vezes ao dia de trabalho, um sua faina de realizar incisões nas árvores ou "cor^{te}", e a consequente "colheita" do latex, escorrido das "sangrias". A primeira etapa, iniciada por volta das 3 horas da manhã, seu percurso termina após haver descrito uma volta, às portas de sua residência, bem antes do meio-dia. A segunda jornada, consiste em novo mergulho na floresta, a fim de recolher o latex das tigelinhas, embutidas pela manhã, no corte das madeiras. Cerca das 15 horas, novamente na "barraca, inicia, com ajuda do "boião" e o emprego da "tariboca", o preparo da borracha, fabricando "bolas", as quais, depois de marcadas, seguem em lombo de burro, quando por terra, ou descem o curso d'água, à maneira de "balsas", amarradas em espiral, em busca do "barracão" do seringalista, onde o serviço é pago, quando se não realiza a troca da produção por alimentos e artigos de primeira necessidade. Enfrentando clima hostil, "amansando o deserto" consoante disse Euclides da Cunha, humanizando a paisagem, os intrépidos seringueiros concorrem para o povoamento e o desenvolvimento econômico da Amazonia, linda, porém, rude, inhospita e de vida difícil.

Decreto 5070 de 26-01-1977



- 57 — RUA SERRA DO PILAR — Formada pela rua 47 do J. S. Fernando e rua 47 do Jardim Itatiaia, com início à Rua 43 do J. S. Fernando e término à Rua 1 do J. Itatiaia.
- 58 — RUA SERRA DE MADUREIRA — Formada pelas ruas 48 do J. S. Fernando e 48 do Jardim Itatiaia, com início à Rua 44 do J. S. Fernando e término à Rua 28 do J. Itatiaia.
- 59 — RUA SERRA DO ITAJAI — Formada pela rua 49 do J. S. Fernando, com início à Rua 28 do J. S. Fernando e término na divisa sul do J. S. Fernando.
- 60 — RUA SERRA GERAL — Formada pelas ruas 50 e 54 do J. S. Fernando, com início na divisa sul do J. S. Fernando e término na divisa norte do mesmo loteamento.
- 61 — RUA PRAIA DO FLAMENGO — Formada pela rua 51 do J. S. Fernando, com início à Rua 14 da Vila Orozimbo Maia e término à Rua 31 do J. S. Fernando.
- 62 — RUA SERRA DE CAPANEMA — Formada pela rua 52 do J. S. Fernando, com início à Rua 20 e término à Rua 53 do mesmo loteamento.
- 63 — RUA SERRA DA TIJUCA — Formada pela rua 53 do J. S. Fernando, com início à Rua 28 e término na divisa norte do loteamento.
- 64 — RUA CARIOCA — Formada pela rua 1 do J. Itatiaia, com início à Rua 12 e término à Rua 48 do mesmo loteamento.
- 65 — RUA CAPIXABA — Formada pela rua 2 do J. Itatiaia, com início à Rua B e término à Rua 28 do mesmo loteamento.
- 66 — RUA GAÚCHO — Formada pelas ruas 3 do Jardim Itatiaia e 3 do Jardim Andorinhas, com início à Rua 12 e término à Rua 5 do J. das Andorinhas.
- 67 — RUA GARIMPEIRO — Formada pela rua 4 do J. Itatiaia e 4 do J. das Andorinhas, com início à Rua 12 e término à Avenida 1 do Jardim das Andorinhas.
- 68 — RUA CAICARA — Formada pela rua 5 do Jardim Itatiaia, com início à Rua 6 e término à Av. 2 do mesmo loteamento.
- 69 — RUA JANGADEIRO — Formada pela rua 6 do J. Itatiaia, com início à Avenida 1 e término à Avenida 2 do mesmo loteamento.
- 70 — RUA FLUMINENSE — Formada pela rua 7 do J. Itatiaia, com início à Rua 12 e término à Avenida 2 do mesmo loteamento.
- 71 — RUA CANDANGO — Formada pela rua 6 do J. Itatiaia, com início à Rua 6 e término à Rua 7 do mesmo loteamento.
- 72 — RUA CALUNCA — Formada pela rua 9 do J. Itatiaia, com início à Rua 7 e término na divisa do loteamento.
- 73 — RUA SERTANEJO — Formada pela rua 10 do J. Itatiaia, com início à Rua 2 e término à Rua 3 do mesmo loteamento.
- 74 — RUA CAMPEIRO — Formada pela rua 11 do J. Itatiaia, com início à Rua 28 e término à Rua 3 do mesmo loteamento.
- 75 — RUA SERINGUEIRO — Formada pela rua 14 do Jardim Itatiaia, com início à Rua 5 e término à Rua 6 do mesmo loteamento.
- 76 — RUA GERIMUM — Formada pela rua 15 do J. Itatiaia, com início à Rua 2 e término à Rua 10 do mesmo loteamento.
- 77 — RUA HILEIA — Formada pela rua 1 do Jardim das Andorinhas, com início à Avenida 3 e término à Rua 5 do mesmo loteamento.
- 78 — RUA RESTINGA — Formada pela rua 5 do Jardim das Andorinhas, com início à Avenida 4 e término na divisa leste do mesmo loteamento.
- 79 — RUA MINUANO — Formada pela rua 6 do J. das Andorinhas, com início à Rua 12 e término à Rua 13 do mesmo loteamento.
- 80 — RUA CERRADO — Formada pela rua 7 do J. das Andorinhas, com início à Rua 4 e término à Rua 19 do mesmo loteamento.
- 81 — RUA PLANALTO — Formada pela rua 8 do J. das Andorinhas, com início à Rua 18 e término à Rua 16 do mesmo loteamento.
- 82 — RUA PANTANAL — Formada pelas ruas 10 e 19 do J. das Andorinhas, com início na divisa norte do loteamento e término à Av. 1 do mesmo loteamento.
- 83 — RUA RECONCAVO — Formada pela rua 11 do J. das Andorinhas, com início à Rua 10 e término à Rua 2 do mesmo loteamento.



TIPOS E ASPECTOS DO BRASIL

SERINGUEIROS

Personagem típica de uma região, em torno da qual gira uma organização econômica e social curiosa, integrada pelos "seringueiros" — principais figuras da exportação da borracha — o ser seringalista é a réplica amazônica do fazendeiro de gado, ou de café, das outras regiões do país, no desempenho do seu papel de chefe, de patrão, ou dono de "seringal".

Extensão de terrenos, de propriedade de um indivíduo, o seringal, no seu arcabouço mais comum, quanto à vida humana, além do "barracão", onde mora o dono, o "aviador" ou concessionário do seringal, uma ou duas "barracas", habitadas por dois seringueiros, ou uma família. É a "margem". Nas adjacências encontra-se o "campo", pasto para os animais e criação miuda. O interior do seringal constitui o "centro", no qual se acham distribuídas as heveas, em meio de outras árvores, reconhecida facilmente pelo "mateiro", na arriscada profissão de abridor de picadas na floresta, "estradas", que o seringueiro percorre duas vezes ao dia de trabalho, na sua faina de realizar incisões nas árvores, ou "corte", e a consequente "colheita" do latex, escorrido das "sangrias".

A coagulação do líquido, processado no "tapiri", pequena barraca de "defumação", dá em resultado a borracha, de cuja exploração vivem os seringueiros, naturais da região, ou nordestinos cearenses, emigrados em consequência das secas particularmente intensas, a partir de 1877. Os seringueiros filhos da região trabalham nos seringais envelhecidos da área restrita às ilhas e terras planas do baixo Amazonas.

Contratados pelos "aviadores", comerciantes de Manaus e de Belém, os "paróaras", imigrantes do Ceará, exercem a profissão, na zona das cabeceiras dos rios, de cujas "margens", chegados pelos "gaiolas", são encarregados pelo "mateiro" para as "colocações" ou "centros", quase

sempre ainda virgens de trabalho humano. Nos centros passam a viver, então, dispersos na floresta, tendo cada qual a responsabilidade de tomar conta de "estrada", cuja abertura marca, necessariamente, o princípio da exploração de qualquer seringal.

Seja qual for o seu domínio o equipamento do seringueiro se reduz à faca, balde, tigelinhas, bacia, boião, fôrma ou tariboca. Nos regimes de vida e nos horizontes de trabalho, há, porém, diferenciações interessantes entre os tipos de servidores dos seringais. O das ilhas, embarcado em "montaria", só depois de nascido o sol, parte para o trabalho, na vazante da maré vestindo calça de algodão, blusa, gorro de pano à cabeça, levando faca, balde, terçado e espingarda "pica-pau". Trabalha em seringal esgotado; sua "estrada" é, às vezes, de "espigão", seu corte se estende a oitenta "madeiras", se tanto, para conseguir, no máximo, três galões de latex, que no regresso à palhoça, "defumará", sob a assistência da mulher, com que cedo se casou, e à vista de numerosa prole. Em regime diverso o seringueiro das cabeceiras é um madrugador que, às três horas, se encontra sem demora, preparado para a luta, trazendo calça e blusa de mescla azul, borzguins de borracha, de fabricação própria, ostentando terçado — à cinta e rifle — a tiracolo. Na cabeça exibe capacete de latão sobre o qual assenta a lamparina de querosene, auxílio para o serviço de "corte", à noite, quando desfecha na cauda de cada árvore, até três golpes seguros com a faca, podendo, se for habil, sangrar e enervar umas duzentas madeiras, que lhe darão quantidade de latex, entre oito e vinte galões diários. A "estrada" é quase sempre a de "fecho" na "boca", de sorte que após haver descrito uma volta, encontra-se de novo ao pé da residência, à qual regressa muitos antes do meio-dia. A segunda

etapa da jornada consiste em novo mergulho na floresta, a fim de recolher o latex das tigelinhas, embutidas pela manhã, no corte das madeiras.

Cerca das quinze horas, já outra vez na "barraca", inicia, com ajuda do "boião", e o emprego da "tariboca", o preparo da borracha, fabricando "bolas", as quais, depois de "marcadas", seguem por terra, pelas tropas de burros, "comboios", descem o curso dagua, à maneira de "balsas", amarradas em espiral, em busca da "margem", isto é, do "barracão" do seringalista, onde o serviço é pago quando se não realiza a troca da produção por alimentos e artigos de primeira necessidade, num abuso mercantil de boa fé, só ultrapassado pela ganância do "regatão", singular mascate de "montaria", típico do interior amazônico.

Enfrentando clima hostil, "amansando o deserto", no dizer de Euclides da Cunha, humanizando a paisagem, os intrepídos seringueiros, além de concorrer para o povoamento e desenvolvimento econômico da Amazonia, realizaram o prodígio da reincorporação do Acre ao patrimônio da Nação.

